

coleção  
[ a escolha  
é minha ]

Margarida Fonseca Santos

# Caixa da Gratidão



 fábula

*À Nayole, por me deixar guardá-la nesta história.*

*À professora Carla Silva, que um dia me contou  
o impacto do exercício da gratidão.*

*Ao Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté,  
inspiração para este livro e exemplo de ensino  
focado nos alunos e nas suas potencialidades.*

\* \* \*

«Não pode haver maior dom do que o de dar  
o próprio tempo e energia para ajudar os outros,  
sem esperar nada em troca.»

**Nelson Mandela**



A nossa diretora de turma era demasiado criativa para o meu gosto. Só lhe vinham ideias malucas à cabeça. Até parecia que gostava de sofrer! Eu acabara de conseguir pôr a turma toda à gargalhada, o que me dava um prazer estranho, e a professora Fátima ia demorar um tempão a pô-los quietos. Por acaso, nem foi bem assim, porque a Guiducha — era assim que eu tratava a minha colega de carteira, porque a Margarida detestava que lhe chamasse isso — não se riu, revirou os olhos, naquela cena de discordar com tudo o que fazia, dizia ou pensava, o que me deixou ainda com mais vontade de cortar a palavra à stora.

Só que aquela ideia, em especial, conseguira irritar-me muito, assim por dentro, de tal modo que nem sei bem explicar. Sentia que, de alguma

forma, me tinha ofendido muito, mas isso foi uma ideia disparatada, porque não era comigo, seria para todos fazerem. Porém, eu reagia sempre desta maneira quando me aqueciam as emoções por dentro: dizia uns disparates e lançava a turma numa galhofa gigantesca.

A professora Fátima, nunca perdendo a calma, não se zangou comigo. «Mau», pensei, «isto cheira-me a esturro!», e estava cheiinho de razão.

— Como é demasiado importante o que vos vou pedir, prefiro esperar que se aquietem — avisou, trocando um breve olhar comigo.

E o problema maior foi esse breve olhar. Não havia raiva, nem reprovação na expressão, nada! Pior, não conseguira disfarçar uma pontinha de preocupação comigo naquela troca breve entre nós. Isso só reforçava a minha ideia. Tinha-se apercebido de que, cá dentro, me sentia meio ofendido por aquilo.

— Já posso? — perguntou, quando os outros se começaram a envergonhar por deixá-la à espera de sossego na turma. — Talvez seja melhor eu explicar de novo, não vos parece?

Claro que a Margarida lhe disse que seria melhor, porque não percebera lá muito bem. «Ai, Guiducha, Guiducha», pensei, «não tens emenda.»

## Caixa da Gratidão

— Esta caixa aqui é, ou vai passar a ser, um sítio muito especial. — Era uma caixa de madeira, com uma ranhura, como se fosse um mealheiro, um pouco velha, sem graça. — Aqui, sem precisarem de assinar os papéis que escrevem, para que isso não seja impeditivo de serem sinceros, vão deixar os vossos papelinhos de gratidão à quinta-feira para eu poder distribuí-los à sexta. — Ficou pensativa e disse: — Gostava de ter um nome especial para escrever aqui na tampa. Alguma ideia? Podemos começar por aí.

Aqueles meus colegas eram assim meio-parvos. Começaram logo a dizer piroseiras, uma lamechice pegada. Era cada nome! Estavam todos parvos. Permaneci de braços cruzados e calado. A professora Fátima ia escrevendo as ideias no quadro. Passei-me!

— Como é que vamos dar nome a uma caixa se ainda não percebemos para que carga de água é a caixa?!

— Tens razão, Marco, muita razão. Comecei isto pelo fim. Temos de dar um passo atrás. Os papelinhos de gratidão terão o nome da pessoa a quem se dirigem, por um lado, e aquilo que agradecemos a essa pessoa, por outro. Mas, reparem, serão

anónimos, a menos que queiram que a pessoa a quem agradecem saiba que foram vocês. Vão perceber como isto vai ser importante. Para vos dar um exemplo, eu já escrevi o meu papelinho da gratidão e assinei. — Abriu aquela pasta que transbordava de folhas, cabos e livros, procurou, procurou, e encontrou-o, passando a ler: — Para a minha direção de turma: quero agradecer-vos por me terem feito compreender a necessidade de estar sempre a reequacionar e a reinventar a forma como ensino e me relaciono convosco; sou uma professora muito diferente desde que vos conheço.

Bem me parecia que aquilo estava a correr mal. A stora agradecia-nos o facto de sermos uma turma terrível? A sério? E por que raio fui só eu a dar uma gargalhada (um bocado nervosa, é certo)?



Margarida

O ambiente na turma ficou a pairar entre o pasmo total e o embaraço. Eu não conseguia sequer perceber o alcance daquele papel, que a professora Fátima enfiava, com a ajuda de um pauzinho de gelado, dentro da caixa. Sorriu ao conseguir que entrasse. E continuou:

— Tenho dúvidas se devo limitar a apenas um papel por semana. Pode acontecer querermos agradecer a mais do que uma pessoa, não vos parece? Fica ao vosso critério, e deixo então uma obrigação: temos de pôr na caixa pelo menos um por semana.

— E se eu não quiser agradecer a ninguém?  
— perguntou o Marco, todo espevitado. — Tenho a certeza de que ninguém me vai agradecer nada. Não vou estar a matar a cabeça com isso.

— É impossível...

— Pois sou!

— Não foi isso que disse, Marco, o que disse foi que *é impossível* não teres pelo menos um agradecimento por semana para entregar a alguém. E talvez te surpreendas.

— A stora está a querer dizer que me vão escrever um papelucho? Só se for aqui a Guiducha, que adora estar sentada ao meu lado.

As gargalhadas soltaram-se logo, mas acabaram depressa demais. Olhei para o Marco, irritada, e o pior foi quando ele, antes de eu ter tempo de o ignorar de propósito, me piscou o olho.

— Falta-nos o nome para a caixa — lembrou a professora Fátima, como se não tivesse acontecido nada. — Ainda não há ideias?

— É fácil! «Agradeço-te por», não é? — O Marco atirara aquilo sem pensar. — Não é para isso que serve?

Ele estava a gozar, mas a stora levou o nome a sério, muito a sério, e depressa ficou aprovado. Até eu votei a favor, porque era melhor do que outros que já tinham sido sugeridos. Aquilo deve ter dado uma volta qualquer dentro do Marco, porque ficou calado e quase zangado o resto do tempo.

Não o entendo!



Quando entrei em casa, não estava ninguém com a minha avó. Assustei-me. Ela nunca deveria ficar sozinha. Ora, se o meu irmão mais velho não tem emprego, não havia razão para a deixar ali.

Ouvi a porta abrir-se, lá vinha ele.

— Que seca! Levei um tempão a convencer o farmacêutico a dar-me o remédio da avó.

— Acabou-se outra vez?

— Pior! Mandou tudo para o lixo.

O Toninho nunca foi grande estudante, nem ajudava muito em casa, mas adorava a nossa avó. Podia jurar que não lhe ralhara ao saber daquela



ideia maluca de deitar fora os medicamentos, não seria capaz. A avó sorriu.

— Toninho, quem é este rapaz?

Fiquei tão triste. Bem sabia que o Toninho passava todo o dia com ela, que diabo, eu também era neto! O meu irmão abraçou-me os ombros e explicou:

— Ó avó, é o Marco, o meu irmão, não se lembra do seu neto mais novo?

— Lembro, lembro — apressou-se a minha avó a responder. — Tão lindo que é!

Mas eu sabia que só me reconheceria dali a um bom bocado, porque me sentava sempre no mesmo sítio, a jogar no computador. Quando a avó ouvia os barulhos do jogo, imitava alguns e ria muito. Nesses momentos, chamava-me pelo nome e tudo.

Dei-lhe um beijo, como faço sempre, e avisei o Toninho que podia ir dar as suas voltas. Agora seria eu a ficar em casa. Agradeceu-me, deu-me uma palmada nas costas, vestiu o casaco e saiu de novo. Andava com a cabeça nas nuvens desde que começara a namorar. O problema era mudar de namorada quase todos os meses. Eu parecia a minha avó, nunca lhes fixava o nome ou a cara; não valia a pena.

Ainda me sentia irritado com aquela coisa da gratidão. Ironicamente, até podia agradecer a quem

se lembrara de, na mesma família, juntar uma mãe que fugiu com um polícia redondo, um pai que estava a trabalhar muito longe de casa, um irmão pronto para trabalhar mas sem emprego, e uma avó com uma doença qualquer na cabeça — eu sabia do que se tratava, eram os esquecimentos das pessoas mais velhas, mas recusava-me a admitir que não voltaria a ficar como dantes.

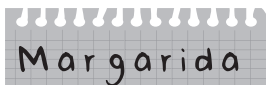
Liguei o jogo para ver se me esquecia daquilo. Já nem era só o exercício da gratidão em si, era mais o agradecimento que a professora nos oferecera. A stora Fátima era boa pessoa, tinha a certeza disso, estava fora de questão que aquilo fosse uma piada de mau gosto.

Ao primeiro carro despistado, a minha avó começou a rir muito, imitando os sons da maquinaeta.

— Está a ver, avó? Já me despistei!

— Pois foi, pois foi — repetia ela, feliz.

Pelo menos, naqueles instantes, eu sentia-me importante para alguém.



Tínhamos acabado de comer, mas ainda permanecíamos sentados à mesa a conversar. Era um

hábito de família, que repetíamos como se fosse tão importante como alimentar-nos. De certa forma, significava isso mesmo.

A nossa casa não era grande nem espaçosa, mas era muito acolhedora. O meu pai acabara há dois fins de semana de repintar as paredes, que já estavam muito sujas, e isso dava-lhe um ar ainda melhor. Gostávamos muito de viver ali, na Charneca da Caparica, entre o mar e os pinhais, com tudo o que tinha de bom o viver no campo, e sem nada do que a vida nas grandes cidades fazia às pessoas. Só havia engarrafamentos na estrada nacional, mas isso era coisa pouca, a julgar pelos relatos da nossa tia, que vivia nos arredores de Lisboa. Demorava, nos dias piores, horas e horas até conseguir chegar a casa. Ali, ao olhar pela janela, viam-se árvores, pássaros, quintais cuidados.

— Diz lá outra vez, Margarida, não sei se percebi bem — pediu a minha mãe, uma positiva congénita, galardoada por mim e pelo meu pai, pois nunca nos deixava desmoralizar, qualquer que fosse o problema. — Portanto, agradecem uma vez por semana a alguém, de forma anónima, por alguma coisa que vos fizeram, é isso?

— Sim, pode ser, por exemplo, agradecer a alguém que nos emprestou qualquer coisa que

nos fazia falta, ou que nos ajudou a acabar qualquer coisa, ou ao jardineiro, porque as rosas estão lindas, ou a um amigo que nos ouviu num momento difícil, ou então a qualquer coisa mais geral.

— Isso é muito interessante — comentou o meu pai. — Tens de nos ir contando o que vai acontecendo. E o teu colega, o Marco? Não consigo imaginar a sua reação a uma coisa assim.

— Fartou-se de gozar com a professora. É mesmo estúpido!

— Margarida!

— Desculpa, pai, mas não sei o que se passa com ele!

— É isso, é. Não sabes o que se passa na vida do Marco, e pode haver uma razão...

— Para ser estúpido?!

— Para sentir necessidade de chamar a atenção.

— Hum, estás a ver se me baralhas...

Enfim, não me baralhei, mas fiquei pensativa. Não que me apetecesse ir perguntar ao Marco o que se passava (isso não!), mas porque até podia ser verdade. Desviei a conversa. Já me chegava ter de o aturar na escola, não precisava de um suplemento noturno de Marco.

— Estou a reconhecer essa tua expressão, vai sair daí coisa — brincou a minha mãe, ao olhar para o meu pai. — Desembucha!

— Estava a pensar como seria se implantássemos uma ideia dessas lá no escritório. Ia fazer bem a algumas pessoas.

Riram-se, e eu percebi logo que deviam estar a pensar na mesma pessoa, se calhar em algum colega aborrecido e implicativo. A mãe achou muito bem pensado, mas a forma como se riram era mais brincalhona do que séria.

Os meus pais trabalhavam na mesma empresa, mas em serviços diferentes. A minha mãe era engenheira civil, responsável pela logística dos materiais para as obras, e o meu pai era da área de Gestão, andava sempre a falar com a mãe sobre custos e orçamentos. Só que, ao chegarem a casa, deixavam as pastas simbolicamente à entrada. Até eu me ir deitar, não lhes mexiam. Enfim, eu não tinha uns pais assim muito «normais», eram mais «especiais».

Só parámos de conversar porque eu sempre fui muito dorminhoca. Acordava muito, muito cedo, muito antes deles. Como seria fácil de prever, ficava cheia de sono por volta das 10 horas da noite. E já passava um bocado...

Fui dispensada de ajudar na cozinha, talvez porque noutros dias semelhantes tivesse dado uma razia nos copos. Não fazia de propósito, mas caíam-me das mãos com o sono. Ou melhor, sou muito trapalhona e distraída. Preparei-me para dormir e devo ter adormecido em segundos. Fora um dia longo.

Crescer é um desafio enorme. Mas, às vezes, é difícil decidir que caminho devemos seguir. *A Escolha É Minha* é uma coleção sobre as opções que tens de tomar todos os dias, com histórias de vida contadas por jovens, tais como tu.

Esta história, *Caixa da Gratidão*, podia bem ser a tua ou, quem sabe, a de alguém que conheces.

Que ideia era aquela? A professora Fátima estava sempre a inventar. Fazer voluntariado? Escrever uma mensagem a agradecer aos colegas um gesto, uma amabilidade, uma ajuda? Marco, para não variar, achava tudo aquilo um disparate.

Sentada ao lado de Marco nas aulas, a Margarida foi descobrindo que havia fortes razões para o colega ser tão rebelde e provocador. Depressa percebeu que tinham de agir, a escola não podia abandonar o Marco.

Marco, Margarida e todos os colegas envolvidos no plano do voluntariado viram as suas vidas ganhar um novo sentido.

Derrubadas as resistências iniciais, a caixa da gratidão foi-se enchendo de mensagens.

Lê os outros  
títulos desta  
coleção:



 **fábula**  
imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-989-707-782-1

11+



9 789897 077821

Literatura Juvenil